

O Festival Nacional de Cultura e Juventude Negra



MANIFESTO

Tudo nosso, nada deles. Nossa cultura, nossa identidade.

Convocamos toda a juventude negra ao maior festival de cultura, afirmação e juventude do Brasil. Diversas organizações, pessoas e grupos convocam para a festa e para luta. O Festival Nacional de Cultura e Juventude Negra será um espaço aglutinador e potencializador das novas expectativas da juventude que mais produz arte e cultura em nosso país.

As novas tecnologias da informação vêm nos proporcionando outros paradigmas de circulação e distribuição de nossos bens simbólicos. No entanto, cada dia mais, precisamos nos encontrar, nos tocar, nos olhar, nos abraçar e dizer que estamos juntas e juntos.

A afirmação da cultura negra passa por um momento positivo. Nunca se viu tanto cabelo para cima, tanto turbante de rainha nas fotos das redes sociais. O desafio agora é: direcionar este empoderamento que se consolida gradualmente nas subjetividades e individualidades das novas gerações negras, para uma ação política emancipadora, revolucionária.

Ora se foi pelo fenótipo que se constituiu o maior crime da história contra o povo, não nos espanta que seja por ele que indiquemos que outros tempos estão por vir.

A cultura é um arcabouço complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a ética, os costumes e todos os hábitos adquiridos pelo homem e pela mulher viventes em sociedade. A cultura é o conjunto de características construídas em determinado espaço-tempo por sujeitos sociais.

O Brasil é um país com dimensões surpreendentes. A cultura brasileira é muito diversa e rica. É fundamental identificar a dimensão geográfica, política, religiosa do Brasil em sua pluralidade e polissemia.

Precisamos perceber também o novo momento popular de apropriação da identidade negra e da afirmação do nosso povo. Esse estágio se deu a partir da luta do movimento negro e da organização de diversos movimentos sociais reivindicando, lutando, morrendo e construindo.

Nos anos 40 criou-se no Brasil uma experiência chamada “Teatro Experimental do negro” com arte, teatro, música e outras interações combatia-se o racismo. Nos anos 70 o surgimento do Ilê Aiyê no Carnaval da Bahia representa outra marca significativa de protesto contra o racismo dentro da maior festa brasileira. Mais recentemente, o bando de teatro Olodum tem feito um trabalho reconhecido e repercutido nacionalmente. As expressões culturais e formatos são variadíssimas.

A contribuição negra tem granderelevância na matriz cultural brasileira. O reconhecimento e afirmação desta matriz pela população de modo geral é um fenômeno recente, conquistado sobretudo a partir da institucionalização das políticas de reparação racial. O samba de gafieira, o jongo, a capoeira, as escolas de samba, o samba de roda, o coco de Pernambuco – embora tenham nascidos no âmago da população negra e mantidos por ela, sempre estiveram às margens dos paradigmas estéticos vigentes na indústria cultural brasileira.

O samba-reggae, o grafite, o rap, o pagode baiano, carioca e paulista são representações contemporâneas da cultura popular negra que muito sangue e suor deram e dão para se estabelecerem no imaginário e memória de nosso povo.

A linguagem brasileira é uma forte marca de nossa diferente expressão cultural. A povo brasileiro cria jargões que associam o bom humor ao momento de autoafirmação que vivemos. Essas iniciativas geram expressões fortíssimas, que subvertem a lógica cooptadora das grandes produtoras como um nó triplo em pingo de éter.

Parte enorme da população negra tem utilizado o “Tudo nosso, nada deles”, como força da expressão de uma revolta que nunca esteve adormecida e está à beira de seu espetáculo. Essa expressão é definitiva em si, sendo ampla em significados. Temos que nos apropriar de tudo que está disponível. O Brasil foi construído por mãos negras. Construímos um país de riquezas. O chamamento: “Tudo nosso, nada deles” reivindica reparação. Outrora, era nada para nós e tudo para eles. O que o povo quer dizer é que chegou a hora de tomarmos para nós tudo que nos foi alijado.

A nossa cultura é reflexo de uma identidade diversa. Nesse sentido, devemos desconstruir o machismo e a homofobia e todas as formas de opressão correlatas ao racismo. A contra-hegemonia será construída em espaços formais, mas também em espaço de entretenimento, que também são políticos. Afinal, o lúdico e o transcendental é e sempre foi para nós, negras e negros, um assunto muito sério. Lugar através do qual sobrevivemos, nos reinventamos, preservamos sagrada a nossa ancestralidade.

Vamos apresentar um formato novo, um cuidado novo e novas interações. O Festival é o momento altivo e raro de nos vermos, sentirmos e agirmos. Que se abram as cortinas!

Assinam: ACBANTU, MNU, UNEGRO, ENEGRECER, CEN, CMA HIP HOP, CONEN, LEVANTE POPULAR

Compartilhe nas redes: